

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
ALYSON BITENCOUR SOARES OLIVEIRA**

**O *MALHEUR* COMO VIA PARA A VERDADE EM SIMONE WEIL**

Juiz de Fora

2022

**ALYSON BITENCOUR SOARES OLIVEIRA**

**O *MALHEUR* COMO VIA PARA A VERDADE EM SIMONE WEIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira

Juiz de Fora

2022

OLIVEIRA, Alyson Bitencour Soares. **O MALHEUR COMO VIA PARA A VERDADE EM SIMONE WEIL**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Graduação em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2022.

:

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira - UniAcademia  
Orientador

---

Prof. Dr. Robione Antonio Landim - UniAcademia  
Leitor

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mabel Salgado Pereira - UniAcademia  
Presidente

Examinado em: 30 /11/2022.

Dedico este trabalhado ao Bom Deus que na sua infinita misericórdia chamou-me para auxiliá-lo no serviço da sua messe; à Nossa Aparecida pela intercessão nesse caminho para o sacerdócio. Por fim, dedico a minha família, amigos, e todos que rezam por mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus Nosso Senhor por todo carinho e amor, pelo cuidado que tens por mim, manifestado em inúmeras formas e pessoas que ao longo de minha caminhada até aqui sustentaram minha vocação. Por manifestar seu amor através de meu pai Adriano dos Santos Oliveira e na pessoa dele agradeço aos meus avós paternos que intercedem por mim junto Deus, mas, de maneira mais que especial através da minha maior fonte de inspiração, força e garra minha mãe Taimara Bitencour Soares, e meus avós maternos Djalma Antônio Soares e Marli da Silva Bitencour Soares. Bem como através meus irmãos Thalyson e Alyfer e de todos os meus familiares, amigos, afilhados e todo povo de Deus.

Por todo amor manifestado através da minha Paroquia de origem, Santo Antônio dos Pobres em Paraiba do Sul – RJ, na pessoa do pároco Pe. Waldir de Paula Felipe. Por todo carinho manifestado através da Paroquia de Santa Luzia em Três rios – RJ, onde exerço meu estagio pastoral, na pessoa do Pe. Julio Cezar Maia. Por todo cuidado manifestado através da equipe formativa de minha diocese em prol do meu processo formativo e amadurecimento, por isso agradeço na pessoa do Pe. Marcos Silvestre, bem como todos os meus irmãos do Seminário São João XXIII. Por toda atenção, orientação e ajuda neste trabalho de maneira especial através do estimado Professor Dr. Pe. Rômulo.

E a todo corpo docente que compõem o curso de filosofia do Centre Universitário Academia, na pessoa da coordenadora Professora Mestra Regina Lúcia Praxedes Meirelles. Por todo incentivo e cuidado manifestado através dos meus amigos e companheiro de caminha que contribuíram efetivamente para eu chegar aqui aos quais não chamo mais amigos, é sim irmãos! Thobias, Jefferson, Breno, Hudson, Guilherme, João Vitor, Caio, Gustavo e Lucas. E por fim a toda minha amada Diocese de Valença, na pessoa do Excelentíssimo Reverendíssimo Bispo Dom Nelson Ferreira pelo incentivo vocacional e todo carinho.

Não buscar não sofrer ou sofrer menos,  
mas buscar não ser alterado pelo  
sofrimento.  
Simone Weil

## RESUMO

OLIVEIRA, Alyson Bitencour Soares. **O MALHEUR COMO VIA PARA A VERDADE EM SIMONE WEIL**. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2022.

Em nossa contemporaneidade muito tem se falado em sofrimento. Simone Weil filósofa francesa afirma que é impossível desassociar o sofrimento da vida humana. Com isso, tal pesquisa pretende investigar as questões acerca do *Malheur*. Mas afinal de contas, o que seria esse sofrimento? O que seria sofrer de fato? Para a possível compreensão de tal concepção do sofrimento é preciso entender como a pensadora encara a sua filosofia, assim dizendo, como *modus vivendi*. Ou seja, toda experiência que venha ocorrer na vida do sujeito se torna necessariamente um componente filosófico, deste modo é evidente que a inclinação da autora seja mais existencial ou mais ligada a uma noção empírica, do que propriamente, para um exercício racional. Conclui-se que o *malheur* constitui a fonte do pensamento da filósofa, capaz de captar a essência do homem, alcançar a alma e se associar a sensação de morte que nos conduz da passagem da personalidade do anonimato para possibilidade da compaixão, sendo mais que uma obrigação religiosa, é sim uma obrigação ética entre os homens, impulsionada pela mover do Absoluto.

Palavras-chave: *Modus vivendi*. Sofrimento. *Malheur*. Compaixão. Verdade.

## ABSTRACT

In our contemporaneity, much has been said about suffering. Simone Weil, a French philosopher, states that it is impossible to disassociate suffering from human life. With this, such research intends to investigate the questions about Malheur. But after all, what would this suffering be? What would it really be like to suffer? For a possible understanding of such a conception of suffering, it is necessary to understand how the thinker sees her philosophy, so to speak, as a *modus vivendi*. That is, every experience that occurs in the subject's life necessarily becomes a philosophical component, thus it is evident that the author's inclination is more existential or more linked to an empirical notion, than properly, to a rational exercise. It is concluded that the *malheur* constitutes the source of the philosopher's thought, capable of capturing the essence of man, reaching the soul and being associated with the sensation of death that leads us from the passage of the personality of anonymity to the possibility of compassion, being more than a religious obligation, it is rather an ethical obligation among men, impelled by the move of the Absolute.

Keywords: *Modus vivendi*. Suffering. *Malheur*. Compassion. Truth.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>A FILOSOFIA WEILIANA COMO MODO DE VIVER</b> .....	12
2.1	A FILOSOFIA SISTEMÁTICA COMO ENGANO EM WEIL.....	12
2.2	O <i>MODUS VIVENDI</i> .....	15
2.3	A FILOSOFIA QUE NOS ECAMINHA PARA O BEM COMUM.....	20
<b>3</b>	<b>O SOFRIMENTO COMO ELEMENTO EMINENTE NA FILOSOFIA DE WEIL</b> .....	23
3.1	A EXPERIÊNCIA NO PROLETARIADO COMO PRIMÍCIA PARA O SOFRIMENTO EM WEIL.....	23
3.2	O CAPITALISMO E O COMUNISMO COMO FORMA OPRESSÃO DO OPERÁRIO QUE LEVA AO SOFRIMENTO.....	27
3.3	A PARTICIPAÇÃO NAS GUERRAS.....	29
3.4	O SOFRIMENTO QUE A LEVA AO ENCONTRO DA RELIGIÃO DOS ESCRAVOS.....	30
3.5	A CONCEPÇÃO DO SOFRIMENTO EM WEIL.....	31
<b>4</b>	<b>O INFORTÚNIO COMO CAMINHO DE CLAREZA</b> .....	33
4.1	O <i>MALHEUR</i> COMO SOFRIMENTO EXTREMO.....	34
4.2	O <i>MALHEUR</i> E O CRISTIANISMO.....	35
4.3	INFORTÚNIO E DESENRAIZAMENTO.....	36
4.4	O INFORTÚNIO PARTICULAR DE CADA SUJEITO.....	38
4.5	A SUPERAÇÃO DO <i>MALHEUR</i> COMO DESCRIAÇÃO.....	39
4.6	O INFORTÚNIO E A VERDADE.....	40
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	43
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	44

## 1 INTRODUÇÃO

Em nossa contemporaneidade, marcada por profundas transformações muito se têm ouvido falar sobre sofrimento, sobretudo no que é tocante a finitude do homem. Dentro da natureza humana o sofrimento direciona o nosso olhar para nossa condição, sendo esta autenticamente frágil. E sempre nos deparamos com isso: a notória insatisfação do homem e conseqüente negação de tal realidade. Visando suprir essa insatisfação, o indivíduo se apega aos prazeres momentâneos, que acabam por ser meras distrações existenciais, não contribuindo para a efetiva solução buscada. Desta maneira os escritos de Simone Weil (1909-1943), mística e filósofa, muito tem a acrescentar a nossa atualidade, visto que a mesma afirma ser o sofrimento parte integrante da vida humana.

Weil é uma pensadora francesa de origem judaica, mas não praticante, do início do século XX. Nasceu em 03 de fevereiro de 1909, e faleceu em 24 de Agosto de 1943 aos 34 anos de tuberculose. Desde pequena sofria alguns males físicos por ter uma saúde frágil, mas isso não foi empecilho para ela, pois sempre foi muito ousada e desde jovem, buscava incansavelmente respostas para as suas questões, sobretudo acerca da verdade. De maneira concreta, buscava viver na própria pele a verdade na qual acreditava.

Foi aluna de Alain (1868-1951) (pseudônimo de Emile Chartier) no Liceu Henri IV, onde a partir de sua experiência com o mesmo, delimitou a filosofia como área de seu trabalho e trajetória intelectual, ainda que ela não gostasse de ser considerada filósofa, pelo fato de encarar a mesma como algo em construção (MARTINS, 2013, p. 41).

O intuito da pensadora não era deixar uma herança biográfica, tanto que suas obras têm muito de uma identidade íntima pessoal. Deste modo, é fundamental encarar seus escritos como inacabado, exatamente por conta dessa identidade privada e não sistemática. Ademais, podemos classifica-los em três fases que se estende de sua juventude até sua a maturidade. Seguindo essa orientação, a obra de Bueno e Valle (2019) nos ajuda e organiza estas três fases da seguinte forma: a primeira distinta pela sua formação acadêmica no Liceu Henri IV, de 1925 a 1931. A segunda de 1931 a 1939, marcado pelas experiências nas fabricas de *Renault*, *Alstom* e *Carnud*, como também sua participação na Guerra Civil Espanhola e bem com suas experiências religiosas. E a terceira entre 1939 e 1943, sendo ela

marcada pela segunda guerra mundial, aqui a pensadora desenvolve seus primeiros escritos míticos ao qual dou destaque a **Espera de Deus** (2019) um compilado de cartas que ela trocava com Padre Joseph Marie Perrin (1905- 2002).

Para ela o filosofar estava presente no dia a dia como *modus vivendi*, ou seja, o seu intuito não era constituir diretamente um exercício sistemático ou algo pragmático, assim como Aristóteles bem como outros filósofos antigos. Isso não quer dizer que ela descarta ou se distancia totalmente destes, mas muito pelo contrário o aprofundamento em tais pensadores é primordial na formação intelectual da autora.

Desde modo a pensadora busca nos fundamentos da filosofia clássica responder às inquietudes do ser humano contemporâneo, tendo em vista o que mesmo, em nossa atualidade, não mais prioriza a busca pela verdade, e sim aquilo que venha parece ser verdadeiro, não contempla mais a verdade real, o bom e belo.

Com base nisso, procuraremos refletir sobre as seguintes problemáticas: Por que a filosofia weiliana afirma o *malheur* como via para alcançar a verdade? Para responder tal questionamento, é preciso entrar no entendimento participativo e encarar o contexto histórico, no qual a autora viveu marcada pela condição operaria e guerras desde a sua infância.

Aos 27 anos, Simone Weil se alistou para servir na guerra espanhola e lutou junto aos republicanos. Ela também para entender a ótica do proletariado foi trabalhar nas fábricas, onde tais experiências que impulsionaram a pensadora, pois queria falar com propriedade, sentir na pele e sempre se colocou junto aos que sofrem. Assim, esse desejo de compaixão sempre foi latente para Simone Weil (WEIL, 2019).

A partir disso, notamos então a tendência de sua filosofia para o pensamento sobre o sofrimento. Para a autora o sofrimento ensina, transforma e modifica. Com isso, encaramos que o intuito aqui não é tratar o sofrimento como um conceito que emerge e se desenvolve de modo meramente abstrato na trama das obras de Weil. Mas como algo de natureza eminente afetiva e que, ao mesmo tempo, se encontra na origem da sua filosofia (BUENO; VALLE, 2019, p. 65).

Dentro do primeiro capítulo, pretendemos situar o leitor no pensamento de Weil, apresentando sua filosofia como *modus vivendi*, ou seja, como modo de viver “filosofar significa orientar a vida para a verdade e, antes de tudo, praticá-la: é-lhe impossível cindir a filosofia da vida” (NICOLA; BINGEMER, 2005 p. 94). E o quanto

que uma filosofia unicamente sistematizada a induz ao engano. Buscando assimilar e ampliar a pluralidade do conhecimento presentes nas profundas obras da filósofa, que infelizmente se torna pouco conhecida no meio acadêmico.

No segundo capítulo tentaremos esmiuçar o sofrimento como elemento eminente na filosofia de Weil em vista de compreender o *malheur*. Nele retomaremos algumas concepções, contextos históricos e experiências da autora, sobretudo, nas fábricas e na guerra, bem como também sua abertura para o cristianismo. Buscando apontar as questões acerca do sofrimento que se desdobrou ao longo de sua vida, alcançando assim o conceito de *malheur*.

Em suma, no terceiro capítulo buscaremos explorar o conteúdo do sofrimento, visando encarar o *malheur* como aproximação da verdade em consonância com as reflexões da autora a partir do seu contato com a religião. E partindo dessa experiência mística da pensadora tentaremos reconfigurar a concepção da verdade, que segundo Weil pode ser alcançada baseada na experiência desenraizadora da vida que alcança o homem no seu todo, alma e corpo.

O *malheur* pode ser a via para encontrar a natureza divina e ao mesmo tempo abertura para compaixão com toda criatura. Ou seja, a tentativa de resposta de presente pesquisa e que *malheur* é a via principal para alcançar a verdade.

## 2 A FILOSOFIA WEILIANA COMO MODO DE VIVER

Abordaremos nesta seção o modo que Simone Weil desenvolve seu pensamento e a maneira como ela se posicionava diante aos desafios de seu tempo, a sua trajetória e as influências recebidas como: a criação, a formação acadêmica, as experiências nas fábricas e as guerras.

Essas influências contribuíram na concepção do pensamento da autora e na forma com que ela desenvolver seu fazer filosófico. Para a autora, pensar sobre os limites e propósitos da vida humana, é um questionamento no que é tocante a natureza da filosofia, sendo uma pergunta que nasce dessa natureza, sobre ela mesma. Dentro desta especulação, surge a crítica à filosofia sistemática que segundo ela, engana. Olhando para realidade concreta do indivíduo é possível desenvolver um conceito, que será denominado como o *modus vivendi*. Aqui toda experiência que venha a ocorrer na vida do sujeito se torna necessariamente um componente filosófico. O sofrimento é um desses, que na vida de Weil é algo marcante, presente também na vida de qualquer ser humano. Dessa forma, o intuito principal da filósofa, sempre foi a busca pela verdade, e nessa prática acaba se tangenciando com o sofrimento.

### 2.1 A FILOSOFIA SISTEMÁTICA COMO ENGANO EM WEIL

Mesmo que Simone Weil não buscasse algo sistemático, analisar essa temática não é de modo algum secundário, em razão de que, tal concepção encontra-se dentro do núcleo central do pensamento da sua filosofia, que se refere à natureza da filosofia, assim como os elementos que ponderam a concepção weiliana. Ademais este é o caminho para mergulharmos na temática proposta, a saber: o *malheur* como via para alcançar a verdade.

Para analisar essa proposta da autora, de não elaborar um pensamento sistemático e para identificar os aspectos metafilosóficos e os componentes de sua filosofia. Torna-se interessante considerarmos o seu contexto histórico e, sobretudo a sua formação, preponderando a influência do professor Emile Chartier em sua vida, não como uma dependência, mas como um “ponta pé inicial” no desenvolvimento do pensamento da autora.

Encontra-se esse aspecto, sobretudo, na concepção metafilosófica e na apresentação de alguns principais pensadores tais quais: Platão (428-348 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Georg Wilhelm Friedrich Hegel(1770-1831), René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804). A partir do contato com estes pensadores, ela amplia seu horizonte acadêmico, que a leva ter embasamento para afirmar que os filósofos que buscam sistematizar o conhecimento são:

[...] aqueles que justificam a aparência que deixa as pessoas pensarem que filosofia é alguma coisa conjectural. Pois tais sistemas podem ser infinitamente variados, e não há razão para ter que escolher um ao invés de outro. Mas do ponto de vista do conhecimento, esses sistemas estão até mesmo abaixo do nível da conjectura, pois conjecturas são no mínimo inferiores a pensamentos, e esses sistemas são pensamentos. [...] Com respeito aos completos sistemas construídos com a intenção de eliminar todas as essenciais contradições do pensamento, nós vemos que eles têm valor, mas apenas como poesia (WEIL, 2015, apud BUENO; VALLE, 2019, p. 46).

Com isso, notamos que a autora supõe que a noção filosófica se baseia a partir dos fenômenos e da tentativa de explicar os mesmos, se fechando a um complexo e teorizado sistema. Este está limitado às suas contradições pelo fato de negar a possibilidade de suas indispensáveis lacunas, e também, de suas inserções falhas.

Quando estamos apoiados em qualquer tipo de sistematização, delimitamos o conhecimento, reduzindo assim a possibilidade e a amplitude do pensamento. Pois, ele estaria sufocado à teoria, e assim na busca de validar essa reflexão, acabamos restringindo-o a algo hipotético, que pode até vir a ser físico, palpável, teórico, prático, mas é meramente poético e arbitrário (BUENO; VALLE, 2019, p. 46).

Deste modo, constatamos que esse sistema é enganoso, e tal noção ao invés de esclarecer e oferecer uma visão ampla da realidade acaba fantasiando a mesma. Porque muitas vezes, para que o sistema alcance seu intuito, ele desconsidera todo o processo ou ações que venham a se opor ao objetivo final.

Em vista disso, o ser humano não consegue contemplar a realidade tal como ela é, negando toda a experiência que não o agrada ou que não se encaixe dentro de sua perspectiva. Despertando assim o interesse unicamente pelas experiências e noções que sua predisposição considera válido. Alcançado desse modo uma filosofia que:

[...] procura uma total, embora deficiente, explanação da realidade. A fim de alcançar este objetivo, elimina sistematicamente todos os aspectos que divergem ou contradizem sua busca original. Quer nas palavras de Weil, “construir uma representação do universo de acordo com seu gosto”. O resultado é uma imagem razoável do mundo sem fissuras ou contradições que captura facilmente a atenção dos povos. Entretanto, sua grande desvantagem é que, em vez de estimular a humanidade a observar face a face a despida e imperfeita realidade por um processo dialético, a instiga a disfarçar ainda mais as imperfeições do mundo circundante com uma representação imaginária dele (ESTELRICH, 2009, p. 41, grifo do autor).

Em vista de buscar corresponder à proposta da pesquisa, notamos que não convém desmiuçarmos diretamente os pensamentos dos filósofos antigos para o desdobramento do juízo weiliano. No entanto, é preciso ressaltar algumas conclusões importantes destes pensadores, sobretudo para percepção da metafilosofia, considerando principalmente os gregos para quem Weil atribui total apreço.

Sabemos que para Aristóteles, a filosofia se divide em teoria, prática e poesia. Atingindo assim, todo o raciocínio lógico humano. Para ele o problema fundamental é o ser, e não a vida. Com isso, o objeto da filosofia, no qual consiste a solução do seu problema são as essências imutáveis e a razão última das coisas, sendo as formas e suas relações do universal com necessário. A partir disso, notamos que Aristóteles dentro da sua realidade tentou sistematizar e agregar o máximo conhecimento e reflexões na Grécia.

Para Georg Wilhelm Friedrich Hegel, o conhecimento capaz de explicar o mundo é que parte das ideias universais, tais como: quantidade, qualidade, existência e ser. Essa noção tende tomar cada vez maior proporção universal na medida em que razão humana progride na história. Hegel também é um grande promotor do idealismo alemão baseado no movimento de sistematizar a filosofia partindo do fundamento da dialética racional.

Em suma, é notório o anseio de sistematizar a filosofia onde destacamos esses autores em vigor. Em contrapartida fica a interpelação, o que Simone Weil compreende como verdadeira filosofia sendo que ela afirma que [...] “a verdadeira filosofia não constrói coisa alguma” (WEIL, 2015, apud BUENO; VALLE, 2019, p. 47)?

Em síntese, o filósofo francês Pierre Hadot (1922-2010) importante historiador da filosofia antiga, especialmente do neoplatonismos, tem algo a nos

ajudar nesta compreensão, em razão de que, em sua obra, ele vai desenvolver a ideia da filosofia como modo de vida.

Assim, essa menção é fundamental para enfatizar o real objetivo pelo qual o filósofa francesa tem essa repulsa por uma filosofia sistematizada e teorizada, que segundo a autora comprime o exercício de filosofar, sendo essa repulsa ao que tem de mais genuína para filosofia de acordo com pensamento de Weil, com isso:

[...] a descrição de Hadot da filosofia antiga como "modo de vida" e como um exercício espiritual fornece uma estrutura perfeita para trazer de forma agrupada o corpus disperso da filosofia de Simone Weil, e para estudar em profundidade seus aspectos centrais. De fato, dividindo a filosofia em dois tipos - a que procura transformar a pessoa inteira contra a que é focada em empreender uma "construção teórica" - Hadot ilumina perfeitamente a tensão de Weil entre as filosofias nas quais o objetivo é somente construir um sistema, e aquelas que propõem como finalidade a obtenção da salvação (ESTELRICH, 2009, p. 40, grifos do autor).

Sendo assim, esse dois caminhos que Hadot aponta contribui perfeitamente para transparecer o cerne da questão a qual estamos tratando. Melhor dizendo, o historiador apresenta-nos a distinção do pensamento a qual estamos refletindo segundo Weil. Assim visto a filosofia que se ocupa e se limitar objetivamente em construir um sistema, que segundo a filósofa nos levaria ao engano; e a filosofia presente na realidade como modo de viver que leva o homem a partir da experiência a uma reflexão livre e aberta para exerce o pensamento se abrindo desta forma para a salvação. Sobre isso, discorreremos melhor no ponto seguinte.

## 2.2 O *MODUS VIVENDI*

Com já dito, Weil tem total apreço e declinação para filosofia grega, assim, buscando desenvolvê-la como algo iminente, ou melhor, como *modus vivendi*, e mais para frente como exercício espiritual presente na vida do indivíduo. Assim constitui-se uma via para alcançar a verdade partindo da reflexão da realidade do homem no todo.

Notamos desse modo, que a observação do Hadot, é ideal para seguirmos nessa linha de raciocínio, sobretudo nesse embate de definir a filosofia. Como podemos ressaltar na colocação do autor, ele aponta para dois pontos de vista de Weil, que já estamos há um tempo dissertando e visando esclarecer o que é. Estas



duas perspectivas são: 1) é a filosofia que alcança a totalidade do ser, fornecendo a ele a partida da reflexão e a possível oportunidade de alcançar a verdade; 2) a sistematização está fadada a uma construção teórica, limita assim as linhas de pensamento na busca por corresponder e se encaixar no sistema (ESTERLRICH, 2009).

Ou seja, para ela a noção filosófica principalmente a grega não pode ser relativizada a algo unicamente intelectual ou até mesmo a um exercício cognitivo. Mas sim, a um esforço próprio para alcançar a verdade que não se submete diretamente a um sistema, mas a uma experiência transformadora que toca a nossa ontologia, assim dizendo, não podemos dessa forma determinar que o ato filosófico consista em explicar conjecturas e sim numa ação pessoal que implica em um modo de viver.

Dessa maneira, é importante destacar que aqui não estamos dando vez a um pensamento falacioso, ou até mesmo desordenado, podendo dizer que qualquer asneira pode vir a ser filosofia. Mas muito pelo contrário, o que queremos afirmar é que o genuíno ato de filosofar consiste em abraçar a transformação por inteiro do indivíduo, dentro do raciocínio organizado presente na sua realidade. (BUENO; VALLE, 2019)

Nessa lógica, podemos afirmar que a filosofia weiliana se fundamenta em um esforço por alcançar a verdade de acordo com ideias puras e inteligíveis se afastando das efêmeras e transitórias. Em aceção a definição grega de *askêsis*. Com efeito, um exercício, uma ação permanente do indivíduo, de acordo com Weil e suas influências estoicas, consistem no fato de que a filosofia está enraizada na ação no mundo baseada essencialmente em um modo de viver. Um exemplo claro e a própria trajetória existencial da autora, considerando, seu empenho operário e seu engajamento com a guerra para busca de sentido real. Por isso, vai descrever Estelrich que:

[...] Em Simone Weil, nós temos o exemplo de que a filosofia e a vida podem seguir juntas. Sua vida era o testemunho da veracidade de sua filosofia, e sua filosofia era o testemunho da autenticidade de sua vida. Seu pensamento é a prova de que filosofia, mesmo no século XX, pode ser compreendida [...] como um modo de vida, como um verdadeiro exercício espiritual, e sua vida é a prova de que, mesmo em circunstâncias adversas, é possível exercer uma existência filosófica (ESTELRICH, 2009, p. 57).

Com efeito, a arte de filosofar é um exercício mais que necessário, o ser humano ao contemplar o seu eu no todo; o outro; e as coisas ao seu redor desempenham inúmeras atividades e correspondem a diversas inquietudes do seu ser a partir dessa observação. De tudo, essa arte é uma abertura para o ser, que se percebe, sobretudo em suas relações, um *zóon politikón*, dessa maneira, ele se afasta da possibilidade do gênese de sua ignorância. Na medida em que ele se abre para esse exercício aguça o intelecto e potencializa a sensibilidade enquanto sujeito.

No que é tocante ao intelecto, o sujeito se percebe agente, notando uma relação a partir da reflexão sensorial entre causa e efeito. Por essa razão, filosofar é um exercício de amor, belo e profundo que transforma aquele que o pratica. Pois, aquele que filosofa, exercita o seu ser, e se vê sujeito e agente no mundo, um ser que pensa, um ser do espaço e do tempo. Resumidamente é por estes motivos que a filosofia implica em um modo de viver, que transforma a vida do indivíduo. À vista disso, o trabalho monográfico do Padre Antônio Marcio Marques de Queiroz (2007) nos ajuda com a seguinte afirmação:

O amor à ordem do mundo supõe obediência a esta mesma ordem, aceitação da realidade com todas as suas implicações e contradições. A virtude estóica da aceitação consiste em acolher tudo como dom do eterno no tempo presente, assim, também é a espera weiliana, como suspensão do juízo, abdicação da pretensa potencialidade racional humana, para que alma possa adentra-se na espera da contemplação, da aceitação da realidade como dom. Mas isto não significa uma indiferença quanto à realidade, pois a espera não se confunde com a resignação, a espera é vista como um processo dinâmico de ação e contemplação, exercício do desejo que deve purificar-se no vazio a fim de ser penetrado por aquele bem e aquela verdade desejada por ele todas as suas implicações (QUEIROZ, 2007, p. 56).

Em síntese, esta ideia perpassa o notar-se como ser no mundo. Também pelo admitir-se o indivíduo limitado e ignorante, aberto aos desafios que a experiência nos apresenta para alcançar, ou não, respostas. É necessário então, ver-se como crítico e não aceitar o superficial; fazer-se sensível e racional; entregar-se ao jogo do entendimento, mesmo os mais desafiadores e difíceis - em especial o de entender a si próprio, o outro e as coisas do mundo. Observar que a evolução do ser se dá em sua existência e na busca incansável do saber (WEIL, 2019).

Assim sendo, o fazer filosófico carece de desapego. Pois, afirma a pensadora que o homem tem uma fascinação pelo sumo Bem. No entanto, ele tem a forte tendência de se deixar levar pela origem, assim ele substitui o Bem Absoluto por

bens particulares, rasos e transitórios. Deste modo, transfigura este bem em desejo egoísta que se moda no EU. Por isso, aqui queremos apontar o porquê o filósofo carece deste desapego, pois, a partir desta noção o indivíduo se afasta coisas ilusórias e dos desejos particulares, direcionado sua atenção para verdade, o Bem Supremo (SILVA; LOPES, 2020). Desta forma, nota-se que se esforçando para desapegar-se dos aspectos particulares e coisas ilusórias, conduz o indivíduo desempenhar o ato da atenção. Que é um conceito bem trabalhado por Simone Weil, que consiste em se colocar aberto ao mundo, categoricamente, se afastando dos apegos transitórios (QUEIROZ, 2007). No que se refere a isso, a filósofa certifica que:

A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável ao objeto, em manter em si mesmo, próximo ao pensamento, mas em um nível inferior e sem contato com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que somos forçados a utilizar. Para todas as ideias particulares e já formadas, o pensamento deve ser como um homem sobre uma montanha que, olhando para frente, percebe ao mesmo tempo sob ele, mas sem olhar diretamente, muitas florestas e planícies. E, sobretudo, o pensamento deve estar vazio, na expectativa; ele nada deve buscar, mas deve estar pronto para receber na sua verdade nua o objeto que vai penetrá-lo (WEIL, 2019, p.77).

Dado isso, enxergamos que a filosofia nos orienta a uma verdadeira transformação que está presente em um exercício permanente. Para Weil, ser filósofo é acima de tudo ser ativo no mundo, é conectar o pensamento e ação com a mais pura integridade (BUENO; VALLE, 2019). Ou seja, um ato original que se configura a uma ligação entre: ação e pensamento, refletir e agir, com efeito, da transformação integral do indivíduo.

Em vista disso, conseguimos ressaltar alguns pontos pertinentes para concepção da filosofia segundo a autora. Em conformidade com a linha de raciocínio de Weil, bem como já esclarecemos até aqui. Constatamos a resistência da autora em relação a uma filosofia sistemática que está remetida à teoria. Assim, bem se vê que para ela não se pode encarar a filosofia unicamente como um acumular de conhecimento, se tornar algo raso, cognitivo e objetivo. Bem como a ciência, um método fundado na observação, na experiência e na produção de teorias e leis. Com isso, podemos dizer que se encarmos a filosofia a partir dessa vertente sistemática ela se equivaleria a ciência.

Segundo Weil, o ato de filosofar imprime caráter de transformação daquele que a exerce, não sendo algo superficial, teórico ou sistemático. Mas sim, um mudar no todo, até alma. O intelecto não está associado respectivamente à área do conhecimento, mas similarmente a ação e sensibilidade. Contudo, para autora não é possível alcançar uma reflexão filosófica sem uma transformação essencial na sensibilidade e na práxis do homem, e tal concepção sugere que: uma transformação que tem igual influencia em como se vê as mais ordinárias e também as mais trágicas, circunstâncias da vida. Em outras palavras, uma nova forma de pensar a vida, quiçá a existência, sendo assim a filosofia deve alcançar homem em corpo e alma, provocando uma contínua transformação presente nas variáveis eventualidades da vida humana (BUENO; VALLE, 2019).

Por essa razão sendo a filosofia um exercício da vida humana, não convém afirmar, a partir da visão da pensadora, que filosofia é um movimento tão somente acadêmico, especulativo ou até mesmo unicamente um acumular de conhecimento. Mas naturalmente uma sapiência real dentro de uma ação efetiva dos ser, melhor dizendo um exercício espiritual no seu mais profundo modo de encarar a vida. Assim sendo, a mais peculiar afeição entre o esforço investigativo acadêmico com noções gerais do conhecimento da vida: uma sabedoria prática.

Como podemos notar, filosofar é um exercício contínuo do homem. Mas no que consiste esse exercício? De acordo com Weil um ato de atenção, baseado na busca incansável pela verdade que se alcança a partir do conflito entre ação e contemplação, ou seja, não somente especular ou refletir, mas efetuar, encarnar o pensamento. Compreendendo desse modo, que agir bem consiste em pensar bem e assim vice-versa. Todo esse exercício reflexivo e prático sendo ele marcado pelo agir ético, buscando levar o homem a se enxergar como sujeito agente, alcançando a transformação (QUEIROZ, 2007).

Falando em exercício ético, em harmonia com a definição da autora no que também se refere à filosofia está sempre vinculada ao valor. Em contrapartida valor este que está vinculado a um aspecto do pensamento, conseqüentemente conectado a ação e sentimento.

Uma vez que Simone Weil encara sua filosofia como exercício, assim dizendo *modus vivendi*, é de extrema importância destacar a concepção de experiência que vai cooperar na concepção do seu modo de pensar. Dessa maneira, ao tratar diretamente essa concepção, logo já intuimos certamente uma noção de empirismo.

Seguindo a lógica do pensamento weiliano, a ação e a experiência estão no fundamento da verdade. Contudo, vale ressaltar que:

O conceito de experiência emerge como bastante pertinente para compreender a concepção metafilosófica weiliana como *modus vivendi*, um trabalho sobre si mesmo sendo possível cunhar o termo “empirismo” numa acepção bastante escrita para captar essa mesma concepção [...] Deste modo, explorando o horizonte semântico do conceito weiliano de filosofia, é possível compreendê-lo, ainda, segundo uma relação biunívoca entre pensamento e experiência que consiste na realização posterior de algo que previamente foi dado na dimensão reflexiva, a qual outras vezes, ter sua origem no âmbito da experiência (BUENO; VALLE, 2019, p. 52 grifos dos autores).

Isto posto, observamos que a autora não propõe simplesmente um experimentar por experimentar, mas sim algo que alcança o fundamento da verdade, que está norteado pela experiência. A partir dela damos à filosofia um conteúdo real, empírico. Com isso, fazemos link da filosofia com a existência bem como com a realidade, dentro dessa ligação a verdade age com filtro condutor que nos liberta das ilusões. Isto é, a mais provável relação entre pensamento e experiências, assim sendo, a experiência corroborada para aceção do pensamento e, por vez, o pensamento se certifica com experiências.

Na medida em desenvolvermos essa constatação, parecemos que toda a noção de busca pelo conhecimento presente na experiência, não seria plausível, se não fosse pela busca incansável por exercitar essa experiência dentro do contato com a realidade.

### 2.3 A FILOSOFIA NOS ENCAMINHA PARA O BEM COMUM

O pensamento weiliano aponta para o deslumbre da verdade e do bem, dentro do exercício da observação da realidade tal como ela é, assim dizendo, um ato de pensar e agir que dever estar vinculado com a verdade, num esforço constante com potencialidade de alcançar o mais profundo de nosso exterior. Podemos notar que essa observação, além de apontar o caminho fundamental para concepção do pensamento da filósofa, constitui também, um método espiritual para compreensão no mais profundo da existência do homem, que leva a entender a si próprio e o outro a partir da realidade e de sua profundidade existencial (WEIL, 2019).

Observação essa que nos abre tanto para ação quanto que para contemplação, pois como sabemos pensar bem implica em agir bem. Dessa maneira, esse desenvolvimento imprime no homem uma noção ética que certamente vem acompanhada de um compromisso. Compromisso esse que é imposto pela própria verdade, uma vez que ela está enraizada na prática deste exercício, pois somente a verdade interiorizada imprime uma atitude encarnada na realidade como forma de realização do próprio homem. Ademais, essa experiência prepara a alma para acolher a verdade, no mesmo passo que o leva a mergulhar profundamente na realidade, dito, que a verdade é sempre experimental (QUEIROZ, 2007).

Com isso a pensadora estabelece um modelo interessante de pensamento, compreendido não como mera conjectura abstrata, mas como uma responsabilidade presente na realidade da vida. Consequentemente destoando da linha filosófica que traz como argumento a noção de que a razão é a única forma para alcançar o verdadeiro conhecimento por completo.

Weil tenciona que o conhecimento seja um exercício que ratifica a importância e o real valor da existência. Com efeito, a concepção filosófica para autora passa ter um viés político, na medida em que ela compreende e atribui valor aos filósofos antigos em que a busca pelo conhecimento intelectual consistia na realização do bem comum. Significando isto, que esse exercício exprime uma acessibilidade para o âmbito ético e ontológico, na maneira que tenta alcançar a verdade que o bem ou ser absoluto se dará a aquele que lhe cativa e a espera. Na medida em que o bem se dá a partir de uma observação verdadeira da realidade tal como é, constata-se que ele se dá como necessidade, logo como um convite inegável da própria realidade (WEIL, 2019).

Enquanto bem que gera a cognição real dos seres e das coisas o mal a suprime, desse modo o bem se faz necessário, como mecanismo fundamental para realidade. Com isso, constatamos que ele está presente nela, mas também pode ir para além dela na concepção do princípio absoluto ou transcendental. Desse modo, a partir do exercício que implica o filosofar, somos capazes de captar essa abertura que não foge da realidade. Pelo contrário, ela se dá na realidade como conciliação para aquilo que lhe ultrapassa, sendo assim, encarna o pensamento presente na vida e na sua racionalidade da existência concreta (MARTINS, 2013).

Paralelamente vale ressaltar que sendo a filosofia esse exercício permanente e incansável a partir da experiência do real, ela expressa tamanha força com base

na atuação na vida concreta. Destacando dessa forma, a partir da noção da pensadora, que a força do pensamento se dá de acordo com que o admite, assim ele age na vida material tomando forma na transformação do homem, mencionado que: “O indivíduo tem apenas uma força, o pensamento” (BUENO; VALLE, 2019, p. 54).

Como resultado disso, denotamos que a trajetória do pensamento weiliano se discorre dentro do campo da filosofia existencial, denominada por ela como um *modus vivendi*, que imprime ao campo do conhecimento a partir da experiência e relação entre pensamento e ação alcançando desse modo o ser no seu todo, levando-o a uma transformação integral de si enquanto sujeito e agente presente e atuante na realidade. Ou seja, não permite com que o indivíduo se veja inerte ou, até mesmo, inativo diante de sua realidade. É possível notar isso até mesmo olhando e refletindo a vida da própria Simone Weil, que se entregou às experiências de seu tempo para pensar com propriedade, por seu envolvimento com as condições das operárias e experiências nas Guerras.

### 3 O SOFRIMENTO COMO ELEMENTO EMINENTE NA FILOSOFIA DE WEIL

Na seção anterior desenvolvemos a concepção da filosofia weiliana, como o *modus vivendi*, e como que se baseando numa filosofia unicamente sistemática seríamos induzidos ao engano. A partir disso, é possível afirmar que o pensamento de Simone Weil consiste em um modo de viver presente na vida. Com isso, utilizaremos desta noção para desenvolver o sofrimento que para autora é algo eminente na vida humana. Mas vale ressaltar que o objetivo central de Weil nunca foi o sofrimento, mas sim, a busca pela verdade. E na tentativa de trazer a filosofia para realidade e enraizá-la na vida, se deparou com o sofrimento, sobretudo nas experiências com as fábricas e nas guerras.

Ao pensarmos essa temática, nos deparamos com alguns questionamentos acerca do sofrimento: Por que estou passando por isso? Ou por que isso veio acontecer logo comigo? Enfim, são inúmeros os questionamentos acerca dessa proposta. Simone Weil afirma que o sofrimento é algo intrínseco ao existir, ou seja, algo contínuo de um existir único e finito (MARTINS, 2013). O que tem tudo haver com o seu fazer filosófico, que se dá na realidade. Tais questionamentos se dão na vida do homem, na busca por negar esta realidade e não querer assumir a experiência. Com isso, o homem fantasia sua realidade.

Ao pensarmos essa temática, nos deparamos com alguns questionamentos acerca do sofrimento: Por que estou passando por isso? Ou por que isso veio acontecer logo comigo? Enfim, são inúmeros os questionamentos acerca dessa proposta. Simone Weil afirma que o sofrimento é algo intrínseco ao existir, ou seja, algo contínuo de um existir único e finito (MARTINS, 2013). O que tem tudo haver com o seu fazer filosófico, que se dá na realidade. Tais questionamentos se dão na vida do homem, na busca por negar esta realidade e não querer assumir a experiência. Com isso, o homem fantasia sua realidade.

#### 3.1 A EXPERIÊNCIA NO PROLETARIADO COMO PRIMÍCIA PARA O SOFRIMENTO EM WEIL

Como já discorremos para Simone Weil o sofrimento é algo intrínseco ao existir, deste modo, apontar um ponto inicial do sofrimento se torna algo meio que contraditório. Contudo, partiremos da sua experiência nas fábricas como primícias para o sofrimento, pois, é a partir desta realidade que a pensadora já dotava de



faculdade intelectual, e segundo ela foi aqui o seu contato eminente e real com o sofrimento tanto de modo pessoal quanto na observação do outro.

Foi como operária em duas fábricas que Simone Weil experimentou de maneira latente e consciente a desgraça e o sofrimento. Com isso, ela afirma que a realidade trabalhista atinge o homem de uma maneira tão intensa que alcança sua vida no todo, ou seja, toma um sentido ontológico que toca todas as suas múltiplas realidades tornando-o assim um objeto que vive em função dele. Em outras palavras, as condições trabalhistas do tempo, coisifica o homem assemelhando as máquinas com intuito de produzir mais e mais (QUEIROZ, 2007).

Conseqüentemente, destacamos a importância da totalidade do homem e o modo com que e a exploração do trabalho pelo capitalismo a nega por completo, sobretudo no uso da faculdade da consciência e da razão, convencendo a si próprio de que as condições que lhe são apresentadas e os honorários oferecidos é o que dá sentido a sua existência. Neste sentido essa dura experiência se assemelha as marcas da escravidão onde para ela:

Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios com a massa anônima, a infelicidade dos outros entrou na minha carne e na minha alma. Nada me separava, pois eu tinha realmente esquecido do meu passado e não esperava nenhum futuro, podendo dificilmente imaginar a possibilidade de sobreviver a essas fadigas. O que suportei ali me marcou de maneira tão duradoura, que ainda hoje, quando um ser humano, não importa que seja, em qualquer circunstância, me fala sem brutalidade eu não posso deixar de ter a impressão que deve haver ali algum erro e que o erro vai sem dúvida, infelizmente se dissipar. Recebi, ali, para sempre, a marca da escravidão, como a marca de um ferro em brasa que os romanos punham na frente de seus escravos mais menosprezados. Depois, passei a ver-me sempre como uma escrava. (WEIL, 2019, p. 34).

Essa experiência foi extremamente marcante assim como já foi mencionado, pois Weil aqui toma consciência da experiência da coisificação do homem a partir do trabalho, ou melhor, escravidão como ela mesma afirma. Visto de outra forma, a francesa nota que o operário foi reduzido a um objeto, a uma coisa, a uma matéria inerte. Em sua visão, o trabalho deveria levar o indivíduo a fazer a relação do material com o intelectual, não torná-los objetos (QUEIROZ, 2007).

O Homem passa a ser massa de manobra e estar totalmente alicerçado no ato de produzir, e não enxerga e nem busca sua integridade. Melhor dizendo, o que leva o homem a viver esta experiência trabalhista e de fato a busca por essa integridade e garantia de seus direitos básicos para condições de vida, como:

alimento, moradia, igualdade, o direito de não ser discriminado, o direito do trabalho, do lazer, da liberdade de ir e vir, da liberdade religiosa, da liberdade de expressão, educação e saúde. No entanto, uma vez dentro do jogo do proletariado, ele não se vê como ser que carece da busca por esses direitos, mas sim, como algo que vive para produzir. E para ele só é possível alcançar tais direitos na medida em que ele produz mais e mais. E dentro dessa busca, ele é poupado de inúmeros direitos básicos. Segundo a autora, como podemos notar na citação o homem não se dá conta disso, pois está vendado pela experiência e pela ilusão, e se enxerga deste modo, como um anônimo, mais um.

O trabalho era para dignificar o homem, e ajudá-lo a exercer seus direitos, sobretudo a faculdade de pensar. No entanto, para manter o forte ritmo de produção, o operário é forçado a fazer, sem sequer pensar no que está fazendo, um ato automático. Como sabemos para a pensadora o conhecimento, e a filosofia se dá na vida, na união entre pensar e agir. Porém, aqui vemos um destoar desta noção, pois o homem está tão inerte a essa experiência que se empenha unicamente em fazer o manual e esquecendo o intelectual. Para a pensadora, essa união entre pensar e agir é o que dignifica o homem e o liberta desta realidade de escravidão. Não havendo essa união, o operário não tem consciência e aceita a opressão, pois o trabalho é o que o mantém vivo. E com isso, acaba passando por experiências trabalhistas desumanas, pois como o trabalho é o que dá sentido a sua vida, ele o ressignifica ao ponto de achar que não tem de fato direito.

Com base na realidade da vida do operário que se sujeita a tais atos desumanos e sofridos presente e latentes na vivência trabalhista, essa experiência que coisifica o homem, nos dias de hoje facilmente gerariam em nós uma reação de repulso, revolta (QUEIROZ, 2007). No entanto, dentro da realidade em que estamos pensando em prol do processo de produção pensar essa exploração gera um sentimento contrário a esse o de submissão, os quais supostamente podem apontar com uma característica típica da escravidão.

Para desenvolver melhor o pensamento no tocante a esta realidade que estamos trabalhando dentro de suas experiências operárias, Simone Weil tentou infundir a ideia de René Descartes (1596-1650) que defendia a relação de um espírito racional e ação num movimento contínuo do pensamento. Em resumo Martins (2013) discorre que:

Descartes foi o primeiro grande filósofo presente nas reflexões de Simone Weil. Ele forneceu elementos importantes para a sua reflexão sobre a relação entre trabalho manual e o espírito, e, assim, permitiu a crítica sobre a opressão gerada pelo trabalho, especialmente pela produção em série, que extirpa racionalmente do agir e impede a realização da liberdade humana. Essa cisão entre agir racional e agir manual inverteu a lógica entre meios e fins. O homem, de fim, passou a ser meio – isso é um mal que já se lê nas *Réflexions* de Descartes. As máquinas passaram a exercer o papel do homem, e o homem passou a ser coisa, meio para fazer as máquinas produzirem e gerar mais lucro (MARTINS, 2013, p. 79. grifo do autor).

Deste modo, percebemos uma inversão de papéis, e essa experiência gera no homem um esgotamento profundo a ponto de se ver num vazio, sem sentimento, uma máquina que produz sem si quer sentir, saber ou pensar o que se faz. Ou seja, ressalta uma desumanização do homem, uma insensibilidade, uma indiferença; assim sendo o homem só produz mais, e na medida em que se deixa permear o seu ser pela produção ele automaticamente se torna também um produto, um objeto. Então com toda certeza podemos mencionar que a relação do proletariado é um relação de poder onde, o maior manda e o menor é oprimido (WEIL, 2001).

Em suma, bem como apontamos no primeiro capítulo deste trabalho, o pensamento sistematizado nos induz ao engano. Aqui podemos fazer essa mesma analogia seguindo o mesmo ponto de vista, onde percebermos que a experiência a qual estamos tratando limita o pensamento tal qual a linha da filosofia sistematizada. Nota-se que o pensamento a partir desta noção este limitado a teoria e ao sistema, aqui percebemos que o pensamento dentro da realidade em que estamos trabalhando está limitado a produção, pois o operário deve agir minuciosamente seguindo as ordens de seus maiores, e os seguimentos das máquinas, pois, qualquer ato intelectual ou criativo para além das orientações, transfigura-se na dor, pois, fica no mundo das ideias, e ele percebe-se dentro desta incapacidade e submissão, e suas necessidades biológicas ao se deparar essa realidade tende a fantasia-la.

Até porque, neste ponto de vista o que gera o funcionamento da produção é o próprio produto, a quantidade e qualidade, pois se não houvesse necessidade do produto, não haveria necessidade de produção, logo não haveria necessidade das fábricas, com isso, o homem perde seu sentido, isso seguindo a linha de raciocínio lógico do tempo, por isso, o homem torna-se escravo do fazer, e limita o seu intelecto e seu sentido existencial a finalidade produtiva, ressalvo que alguns

trabalhos especializados careciam do uso do intelecto, no entanto mínimo (WEIL, 2001). Além disso, vale ressaltar que:

É próprio da função da inteligência exigir uma liberdade total, implicando o direito de tudo negar e nada dominar. Em qualquer lugar onde ela usurpar um mandamento, haverá ali excesso de individualismo. Onde quer que ela se sinta pouco à vontade, haverá uma coletividade opressora, ou várias (WEIL, 2019, p. 45).

E tomar consciência desta noção é sem sombra de dúvida algo doloroso e sofrido, pelo fato de se perceber privado de pensar. O ser humano se torna submisso e transfere seu sentido existencial unicamente ao ato de produzir, ou seja, ele abre mão de todo o seu pensamento cognitivo, todo o seu ser, se reduz ao nada, fora desta realidade trabalhista, portanto, perdeu o sentido do que ele é. Por isso, a única forma de suportar tais atos sofridos e desenraizadores de sua humanidade é exatamente não pensar, se desligar por completo de sua faculdade cognitiva. No entanto, ao menos tentar, pois, qualquer esforço intelectual, seja ele mínimo, o levaria a consciência desse ato sofrido e desumano (WEIL, 2005).

### 3.2 O CAPITALISMO E O COMUNISMO COMO FORMA DE OPRESSÃO DO OPERÁRIO QUE LEVA AO SOFRIMENTO

Karl Marx (1818- 1883) importante economista, historiador, sociólogo, teórico político e revolucionário socialista alemão. Dentro deste pensamento tem muito a contribuir com a concepção da teoria crítica onde toca direto ao ponto da questão do proletariado, com intuito de refletir e gerar soluções para essa questão social e na dura realidade do proletariado. Sobretudo, com a noção da *mais valia* que representa a discrepância entre o salário pago e o valor produzido pelo operário. Dessa maneira, podemos encarar como um trabalho não pago, ou seja, as horas que o trabalhador cumpre e valor que ele gera aos burgueses não correspondem ao valor que são remunerados. Contudo, para Simone Weil o gritante não é tanto essa realidade de desigualdade salarial, é ponto muito importante, sim. Porém, o que ela vai denunciar é a condição trabalhista que se assemelha a escravidão e polpa o operário de sua liberdade. Para ela pensar e discorrer sobre essa realidade só é

possível e verdadeira para aqueles que a vivem na pele, para os que pisam no chão das fábricas. Na prática a realidade é outra. Sobre isso, Martins (2013) afirma que:

A relação de Simone Weil com Marx é muito interessante, pois ela leu o marxismo com muita lucidez. Apresentou suas contribuições, sobretudo no que diz respeito às relações de trabalho, mas não teve medo de fazer-lhe críticas, pois, segundo ela, ele apresentou muito bem os mecanismos de opressão, mas se esqueceu de perceber que apenas transportar os meios de produção dos capitalistas para o domínio do Estado não garantia a libertação dos operários. Marx não compreendeu que opressão está na radical separação entre trabalho manual e reflexão (MARTINS, 2013, p. 78).

Em outras palavras, a questão que ela coloca não é o que eles recebem, nem o quanto, nem muito menos para quem é direcionado os meios de produção, seja para os burgueses ou para o Estado, mas sim, como na prática o serviço é aplicado. Como esse trabalho é realizado? Em resposta vemos a relação de opressão que acarreta na submissão do operário se privando de sua liberdade, seja ela liderada pelos burgueses ou pelo Estado. De qualquer forma ambas as concepções, não promovem a liberdade do indivíduo pela relação do pensamento e da ação, mas só transfere o meio de opressão (WEIL, 1996). Por esse motivo, a filósofa direciona o pensamento para essa realidade, dentro da qual ela vai denunciar diretamente essas condições trabalhistas, onde o operário para levar adiante se entrega a essa submissão e se priva do ato de pensar, como consequência para suportar essa dolorosa experiência como já vimos. Deste modo, com essa degradação da pessoa humana podemos fazer uma relação com os animais irracionais que vivem submissos aos seus donos como a pensadora vai apontar:

Aqui somos como cavalos que se ferem a si próprios quando puxam os freios e o jeito é curvar-se. Chega-se até a perder consciência dessa situação, a gente a suporta, é tudo. Qualquer despertar do pensamento torna-se, então, doloroso (WEIL, 1996, p. 97).

Assim sendo, passar por essa experiência desumana que as fabricas a proporcionou, foi primordial para despertar o intelecto de Weil para refletir e pensar o sofrimento, pois, tal experiência gerou o contato com os oprimidos, e conseqüentemente ela se fez uma com eles, e contraiu em si as marcas da escravidão que as fabricas gera nos operários, a dor deles passou assim a ser um dor dela (WEIL, 2019).

### 3.3 A PARTICIPAÇÃO NAS GUERRAS

Tomado pelo cansaço físico, intelectual e com a saúde ainda mais debilitada, Simone Weil não conseguiria mais ir adiante e continuar a trabalhar nas fábricas, no entanto, seu coração já estava tomado pela experiência e pela compaixão. Deste modo, como militante, e com o desejo de continuar lutando e exercendo o seu intelecto a partir da realidade de seu tempo, ela decide alistar-se nas guerras. Sendo este outro episódio marcante na vida de Weil, que muito nos ajuda na concepção do sofrimento.

Foi lutando na Guerra Civil Espanhola em 1936, junto aos republicanos, que ela se decepciona como o comunismo onde também resultou em outras sérias implicações em sua saúde. A pensadora vai à luta pensando ser um combate pelos direitos dos menores, ou seja, uma luta entre pobres e ricos. Sobre isso, Martins (2013) destaca que Simone Weil:

[...] achava que eles estavam lutando para defender o povo contra a opressão. Com essa atitude, renunciou ao pacifismo, pois chegou a pegar no fuzil, apesar de não ter habilidade para manuseá-lo. Ficou desmotivada ao perceber que o combate tinha se tornado uma guerra de conflitos entre Rússia, Alemanha e Itália. Levar a justiça para o povo espanhol não estava em primeiro lugar (MARTINS, 2013, p. 62).

Vendo que o combate se tornou uma luta de grandes potências, e que de nada tinha haver com o desejo de buscar a justiça e os direitos do povo espanhol, damos tamanha importância a este episódio em virtude de que partido dele, a autora tem um contato direto com aniquilação da vida humana, onde vai afirmar que “[...] aquilo que o combate e a crueldade e a atrocidade, e não o desejo de justiça” (MARTINS, 2013, p. 63). Portanto, a guerra faz do homem uma arma, tirando sua dignidade torna-o semelhante ao nada, meramente um objeto, dotado de obediência com desejo de sobrevivência e movido pelo interesse, seja de ambos os lados.

A partir dessa experiência conseguimos apontar o conceito de força ou violência, onde por meio da agressividade moral ou física reduz o ser humano ao estado de coisa. Com isso, segundo a ideia da pensadora, os dois conceitos são como sinônimos. Porém, não podemos nos limitar à análise e comparação profunda destes conceitos, sobretudo o de força. No entanto, é pertinente ressaltarmos a violência, pois “a filósofa francesa concebe a *violência* como algo inerente à

natureza animal existente no ser humano, a qual pode, por sua vez, condicionar as suas atitudes em relação com o outro” (BUENO; VALLE, 2019, p. 81, grifo do autor).

Deste modo, Weil infere que:

Todos os homens carregam em si essa natureza animal. Ela determina a sua atitude para com seus semelhantes, com ou sem o seu conhecimento e a sua adesão. Assim, por vezes, sem que o pensamento se dê conta, a natureza animal em um homem sente a mutilação da natureza animal em um outro e reage em resposta. O mesmo acontece em todas as situações possíveis e nas reações animais correspondentes. Essa necessidade mecânica toma conta de todos os homens em todos os momentos (WEIL, 2019, p.59).

Sendo assim, a violência reside na vontade humana, sendo uma verdadeira barbárie, que rebaixa o ser humano ao extinto animal, levando ao culto da morte, da defesa do ódio, na certeza de que para sobreviver é preciso eliminar o outro. Como ela atinge o caráter de vontade humana, seja ela social ou individual, a mesma pode transitar e se encobrir em várias expressões e âmbitos da vida do ser humano, não se limitando unicamente às guerras. Assim, a violência afeta todos os seres humanos (MARTINS, 2013).

### 3.4 O SOFRIMENTO QUE A LEVA AO ENCONTRO DA RELIGIÃO DOS ESCRAVOS

Simone Weil não teve formação religiosa. Seus familiares eram judeus não praticantes, contudo, tinha uma perspectiva agnóstica, mas, se dedicou ao mundo da filosofia, sobretudo levada pelo encanto por Platão, com o intuito de pensar as questões existenciais, e nessa busca pela verdade passou por essas experiências as quais já demos destaque anteriormente. Portanto, as mesmas experiências a levaram ao contato direto com sofrimento, e uma vez tendo contato com ele sua vida foi completamente marcada com as marcas da escravidão, o que colocou no seu coração um profundo compromisso ético, que é a prática da solidariedade e encontro com a compaixão. A partir desse contato com a miséria humana ela relata que:

Estando nesse estado de espírito e em estado físico miserável, entrei naquele vilarejo português – que era, aliás, também muito miserável – sozinha, à noite, sob a lua cheia, no dia da festa do padroeiro. Era à beira-mar. As mulheres dos pescadores andavam em volta dos barcos, em

procissão, carregando círios e cantando cânticos certamente muito antigos, de uma tristeza de cortar o coração. Nada pode passar a ideia do que foi aquilo. Jamais ouvi nada tão pungente, com exceção do canto dos rebocadores do Volga. Lá eu tive de repente a certeza de que o cristianismo é por excelência a religião dos escravos, que os escravos não podem deixar de aderir ao cristianismo, e eu entre os outros (WEIL, 2019, p. 34).

Conhecendo a religião dos escravos, a pensadora se aproxima ainda mais dos oprimidos, marginalizados e excluídos. Assim, ela se torna um com eles. O que proporciona a ela o contato com seu amigo e diretor espiritual, Padre Perrin (1905 - 2002), o qual ela dedica total admiração e respeito. E damos tamanha importância a ele, sobretudo na caminhada mística da autora. Simone Weil, no cristianismo encontrou o mesmo estímulo que a levava para a filosofia. A partir desse contato, ela vai passar a relacionar a busca pela verdade com morte, na morte a verdade se revelará nua e pura. Dentro dessa perspectiva ela afirma que filosofar é aprender a morrer, fazendo uma analogia com o *Fédon* de Platão. No entanto, o seu interesse não é pela morte enquanto estado, mas sim com o instante da união entre o tempo, e da realidade com a eternidade (MARTINS, 2013).

### 3.5 A CONCEPÇÃO DO SOFRIMENTO EM WEIL

Dentro de todas essas experiências conseguimos perceber a declinação para o sofrimento e o quanto ele é eminente na vida de Simone Weil seja por suas experiências pessoais, seja através da compaixão para com o sofrimento alheio. Desse modo, vemos que ele não é meramente um conceito, algo abstrato, mas sim, algo de natureza eminente presente na filosofia weiliana. Uma vez visto que sua filosofia é encarada como *modus vivendi*, tudo aquilo que perpassa pela possibilidade do percurso existencial, se torna matéria filosófica. Assim sendo, Weil afirma que o sofrimento é intrínseco ao existir, ou seja, algo contínuo de um existir único e finito. O que tem tudo haver com o fazer filosófico. No entanto, o intuito principal da filósofa, sempre foi à busca pela verdade, e na prática acabou se deparando com o sofrimento (WEIL, 2019).

Para a autora “[...] o ser humano mais plenamente realizado, mais verdadeiramente humano, é aquele que é simultaneamente, trabalhador manual e pensador” (BUENO; VALLE, 2019, p. 74). Como ressaltamos nos pontos acima ambas as realidades e experiências, desumaniza o ser humano levado ao estado de



coisa, além de limitar a sua capacidade de pensar, sobretudo, a dura realidade das condições operária. A guerra também coisifica o homem, além do contato com a violência e todas as atrocidades presentes nessa realidade.

Contudo é importante também dar outro destaque, pois a partir dessa experiência surge o contato com a desgraça, o qual para Simone Weil é um conceito filosoficamente bem articulado dentro da existência da natureza humana. A desgraça está presente no *malheur*, termo ao qual vamos buscar esmiuçar no próximo capítulo. Mas voltando para o sofrimento, é possível alcançá-lo sem a desgraça, assim sendo, uma dor moral ou física que não atinge o mais profundo do ser do homem. É justamente aqui, que se dá a distinção entre sofrimento e desgraça. Weil (2019) certifica que o sofrimento é:

Em contrapartida, uma dor apenas física é muito pouca coisa e não deixa marca alguma na alma. A dor de dente é um bom exemplo. Algumas horas de dor violenta causadas por um dente doente, depois que passa nada mais significa. Algo completamente diverso acontece quando se trata de um sofrimento físico muito prolongado ou muito frequente [...] (WEIL, 2019, p. 82).

Isso não quer dizer que a desgraça não necessite da dor física, mas muito pelo contrário, a dor física é essencial. Porém, ela não se resume unicamente nela mesma, ou seja, o sofrimento e a desgraça estão profundamente relacionados, mas se diferenciam. A desgraça é diferente: “É algo específico, irredutível a qualquer outra coisa, assim como não é possível dar um surdo-mudo a ideia do que seja o som” (WEIL, 2019, p. 85). Somente aquele que experimenta pode pensar. Por esse motivo, Weil vai dissertar que a questão é:

O grande enigma da vida humana não é o sofrimento, é o infortúnio. Não devemos nos surpreender que inocentes sejam mortos, torturados, expulsos de seus países, reduzidos à miséria ou escravidão, fechados em campos ou calabouços, já que encontramos criminosos para cumprir essas ações. Tampouco é surpreendente que a doença imponha longos sofrimentos que paralisam a vida e dão a ela uma imagem da morte, já que a natureza é submissa a um jogo cego de necessidades mecânicas (WEIL, 2019, p. 84).

Deste modo, enfatizaremos mais sobre esse grande enigma da vida humana, que alcança o ser humano no seu todo, assimilando a temática do presente capítulo com a do próximo.

#### 4 O INFORTÚNIO COMO CAMINHO DE CLAREZA

A este ponto da reflexão chega-se ao conceito e experiência base (MARTINS, 2013) de Simone Weil: *malheur*. Ou seja, uma experiência profunda de sofrimento, não entendida somente como um sofrer costumeiro, mas como um esvaziamento completo de si através das penúrias e dificuldades enfrentadas pelos indivíduos.

Sua inspiração filosófica como já visto, tem íntima ligação com o platonismo, mas Weil, consegue apresentar ou expressar de modo vivencial os elementos platônicos. Em outras palavras, o fazer filosófico da autora, está mais demonstrável com seu modo de agir do que propriamente com seus escritos, visto que estes eram assistemáticos.

Alexandre Martins indica esta percepção em sua obra, o comentador faz menção a trajetória da filósofa como modo privilegiado de compreender a experiência do *malheur*. Assim afirma Martins:

Ao fazer isso, percebemos mais uma vez a profunda intimidade entre a vida de Simone e sua reflexão, com uma coerência impressionante e às vezes, até revoltante, pois, para ser coerente com o que escrevia, Simone assumia todas as consequências, sem medo, confiante, pois o caminho que seguia não era um caminho qualquer, mas o da obediência (MARTINS, 2013, p. 178)

Tal afirmação do autor, faz compreender que a francesa tinha em seu horizonte a necessidade de incorporar o seu pensamento ao seu modo de agir. Esta chave de leitura é fundamental para se bem entender o conceito a ser apresentado nesta seção, visto que mais que uma reflexão, trata-se de experiências de sofrimento.

Há de se destacar para esta abordagem a obra **Espera de Deus** (2019), escritos de Weil mais adultos, na fase em que se aproxima do cristianismo enquanto religião dos sofredores e escravos. Esta obra consiste numa série de cartas trocadas entre Weil e o Pe. Perrin, seu diretor espiritual e organizador primeiro destes escritos.

Importante ressaltar que a filosofia de Weil também não pode ser reduzida a um subjetivismo o solipsismo vazio, suas reflexões tem um caráter de experiências

de sua história, mas tais eventos traduzem noções e ideias que almejam o caráter universal (haja vista sua ligação com o platonismo).

#### 4.1 O *MALHEUR* COMO SOFRIMENTO EXTREMO

Os escritos contidos na **Espera de Deus** (2019) traduzem *malheur* como **infortúnio**. Este é um conceito francês que na língua original possui um peso semântico diferente daquele que o termo infortúnio apresenta no português (MARTINS, 2013), entretanto, é uma possibilidade de se referir ao mesmo conceito na língua vernáculo. Em questão de praticidade, será trabalhado aqui infortúnio como equivalente ao original no francês: *malheur*, expressão chave da filosofia weiliana.

Weil para distinguir o sofrimento corriqueiro daquele que é vivenciado no infortúnio, afirma que:

O infortúnio é inseparável do sofrimento físico, e no entanto, completamente distinto. No sofrimento, tudo o que não está ligado à dor física, ou a algo parecido é artificial, imaginário, e pode ser aniquilado por uma disposição conveniente do pensamento. Mesmo na ausência ou na morte de um ser amado, a parte irredutível da dor é algo semelhante à dor física (WEIL, 2019, p. 82).

Ou seja, diferentemente do sofrimento, o extremo padecer é algo que envolve a carne do sujeito, aniquila não somente o interior, mas também o sensível. Aqui reside a parte mais cruel do *malheur*, ele faz com que o homem não consiga fugir do estado de dor, seja ela interior ou carnal, esta é uma das principais características deste grau de penúria apresentado por Weil.

Notamos aqui, que o *malheur* mexe como toda a inteireza do sujeito, não somente com dimensões periféricas da existência, mas no seu todo. Weil considera isto principalmente por ter se deparado com o sofrimento dos operários nas fábricas, percebendo que a dor que os atingia não era de cunho estritamente físico, mas de profundo viés existencial (BUENO; VALLE, 2019).

Por exemplo, um operário nas condições daquele tempo dificilmente teria um descanso mental, visto as dores de uma jornada longa de trabalho, a fome e a saúde escassa. Aqui, percebemos uma constatação palpável de infortúnio, homens e mulheres que não conseguem fugir de um sofrimento tão degradante como este.

Este extremo sofrimento é como uma espécie de violência incomensurável a todas as seguranças e padrões artificiais da existência, ele retira as bases fundamentadas em coisas efêmeras, resta portanto somente a dor do *malheur*.

Weil encara a vocação filosófica como um tocar nas dores provenientes deste mundo, para ela filosofar é como se aproximar da morte. A morte seria a total nudez diante da verdade, neste sentido, a morte não deixará nenhuma segurança vazia ou efêmera ou ser humano.

#### 4.2 O MALHEUR E O CRISTIANISMO

A nossa autora aqui trabalhada enxerga nestes que sofrem o *malheur* um grupo que morre a cada dia, através das dores extremas, mas também são aqueles que dificilmente se distanciariam da verdade. A verdade como para os gregos antigos exige do homem uma ascese, ou seja, uma purificação contínua diante das coisas provisórias (BUENO, VALLE, 2019)

A este respeito, Martins faz uma constatação importante, relacionando os sofredores com a aspiração pela verdade:

A verdade revelada no instante do além tempo e do espaço leva Simone a se voltar ainda com mais força para os desvalidos, pois com eles deve estar Cristo e ela também deve continuar. Simone Weil, a partir deste momento consciente da luz que a guia, os *malheureuse*, isto é, os desventurados. O encontro com Cristo colocou Simone Weil ainda mais próxima dos desventurados, marginalizados, excluídos, pobres e sofredores (MARTINS, 2013, p. 144)

Aqui, encontramos um viés místico em Simone Weil, o ponto de ligação entre a filosofia e a teologia weiliana. É importante ressaltar que a fascinação que Weil tinha pelas experiências fabris e nas guerrilhas, é bem anterior a sua aproximação do cristianismo. Weil encontra na filosofia, sobretudo de cunho platônico, elementos que a auxiliam neste processo de contato com o *malheur* dos desventurados (WEIL, 2019).

A nossa delimitação neste trabalho naturalmente está no campo filosófico, visto, que a autora não parte da experiência religiosa para refletir sobre a vida e a criação, ao contrário, sua vida e reflexão a aproximam da verdade a ponto dela reconhecer que esta está plenamente no cristianismo.

Na obra **Carta a um religioso** (2016), a francesa já reconhece que mesmo que o cristianismo seja a religião da verdade absoluta, esta já possuía elementos na filosofia grega antiga e até mesmo em outras religiões. Mesmo que se pareça um pensamento demasiado contemporâneo, alguns filósofos medievais seguiram esta esteira ao afirmar que o *Logos*, ou seja, o princípio unificador da realidade é Jesus Cristo, entretanto, este *Logos* possui sementes em diversas culturas e filosofias.

Em uma das diversas passagens de seus escritos que tratam do cristianismo em consonância com a filosofia, lemos:

São João, usando as palavras *logos* e *pneuma*, indica a profunda afinidade que liga o estoicismo grego (a ser distinguido daquele de Catão e de Brutus!) ao cristianismo. Platão também conhecia claramente e indicou por alusões em suas obras os dogmas da Trindade, da Meditação, da Encarnação, da Paixão, e as noções da graça e da salvação pelo amor. Ele conheceu a verdade essencial, ou seja, que Deus é o Bem. Ele é a Onipotência apenas por acréscimo (WEIL, 2016, p. 17).

Naturalmente, estes escritos indicam ainda um processo de aproximação entre Simone Weil e o cristianismo, com a liberdade filosófica própria da autora, ela vai apresentando ao Pe. Perrin todos os seus questionamentos. Assim, surge a estreita ligação entre sua filosofia e o ensinamento cristão.

Seu primeiro intuito não é se adequar aos ensinamentos, mas conhecê-los mais e mais, e descobrindo os elementos convergentes entre suas experiências com a visão filosófica. O cristianismo então, não consiste num elemento secundário para se compreender a questão do *malheur*, nem constitui uma adesão fideísta sem reflexão madura.

#### 4.3 INFORTÚNIO E DESENRAIZAMENTO

Como vimos, esta aproximação da verdade, encontra no infortúnio um caminho mais rápido e de certa forma privilegiado. Para a filosofia weiliana, todos somos enraizados em determinadas noções de mundo, seguranças e bens materiais, mas ao vivenciar um sofrimento como o dos operários chegamos a um estágio de desenraizamento.

Este desenraizamento é um outro conceito bastante recorrente nos escritos da autora, ou seja, o sofrimento e a maldade neste mundo tiram as raízes do homem, suas seguranças e estabilidade. Esta noção está bem vinculada à

experiência de Weil nas guerras e nas resistências, visto que os horrores das batalhas geram também um desenraizamento, não só interior, mas também físico (BUENO; VALLE, 2019).

Sobre este conceito, a própria filósofa afirma que ele está intimamente ligado ao infortúnio:

O infortúnio é um desenraizamento da vida, um equivalente mais ou menos atenuado da morte, que se tornou irresistivelmente presente à alma pela espera ou apreensão imediata da dor física. Se a dor física estiver totalmente ausente, não há infortúnio para alma, pois o pensamento vai ser atraído por qualquer outro objeto. O pensamento foge do infortúnio prontamente, tão irresistivelmente quanto um animal foge da morte. Aqui embaixo há apenas a dor física e nada mais tem a propriedade de encadear o pensamento; com a condição que assimilamos a dor física certos fenômenos difíceis de descrever, mas que são sentidos no corpo e que são rigorosamente iguais. A apreensão da dor física, particularmente, é dessa espécie (WEIL, 2019, p. 83).

O desenraizamento é por assim dizer, aquele elemento do qual falamos que faz da vivência filosófica uma espécie de morrer cotidiano, para estar diante da verdade nua. Aqui, mais uma vez a filósofa considera a dor física unida a dor interior como elementos que desenraizam o homem e o levam a experiência profunda do *malheur*.

O pensamento diante do profundo sofrimento, não consegue correr para outros meios que tirem a atenção daquela dor, resta portanto, aquilo de mais responsável no homem: a existência. Esta existência tenta achar no fundo da alma algo que ainda reste diante do infortúnio, trata-se da verdade, daquilo que permanece certo diante da desgraça. Weil neste ponto, enxerga que esta verdade está estreitamente ligada ao cristianismo e encontra neste o seu ponto mais alto, desta maneira um indivíduo que passa pelo desenraizamento vai pouco a pouco se aproximando da verdade, e se chegar ao ponto ápice, encontrará a experiência cristã.

Desta maneira, para Weil (2019) o trabalho não constitui somente uma realidade adjacente para vida humana, mas também, uma dimensão que pode afetar o sujeito integralmente. A condição operária, se precária, prejudica todo o ser do trabalhador, colocando-o no limite entre o suportável e o insuportável a ser vivido.

#### 4.4 O INFORTÚNIO PARTICULAR DE CADA SUJEITO

Ao analisarmos o infortúnio como um caminho eficaz para a clareza da verdade, pode ainda ocorrer a seguinte problemática: Weil apresenta a desventura dos operários e guerrilheiros - suas dores e aflições - como uma certa constatação da existência do *malheur*, entretanto, como ficaria a situação daqueles que não se encaixam neste ofício, poderia as outras pessoas e classes sociais passarem por esta experiência?

Chegamos então a um ponto pertinente: o *malheur*-limite, ou seja, o ponto de transição entre o sofrimento e o infortúnio. Este ponto não é homogêneo, sendo variável de pessoa para pessoa, existem situações que podem desencadear a desventura na vida de determinado indivíduo, mas estas mesmas situações talvez não sejam ponto de transição na vida de outro sujeito – aqui está o elemento de particularidade de cada pessoa.

Bueno e Valle (2019, p. 88) em sua obra, esmiúça este conceito de variabilidade do *malheur*, tal noção é pertinente pois faz da filosofia weiliana um pensamento abrangente, e não restrito somente a uma condição da existência. Ou seja, todo ser humano pode passar por esta experiência, possuindo dentro de si algum ponto limite para que ele venha à tona, constituindo o início do processo de desenraizamento em nível mais profundo.

A este respeito, a filósofa afirma:

(...) o *malheur*-limite, o *malheur* destruidor do eu é diferente segundo as pessoas; o limite se situa mais ou menos longe no *malheur* segundo o caráter, e mais quando mais longe ele está situado, mais dizemos que o caráter é forte. Mas este limite, situado aqui ou lá, existe para todo ser humano, e se o acaso os leva até o ponto de *malheur* onde está situado seu limite, o eu neles entra no processo de destruição (WEIL, 1997, p. 463 apud BUENO; VALLE, 2019, p. 88).

Como vimos acima, as pessoas que possuem o ponto limite mais longinquamente situado, são pessoas de resistência maior, o que Weil chama de pessoas de caráter forte. Os operários seriam para ela pessoas que exemplificam a posse de um caráter forte, bem como os guerrilheiros e todos os demais que estão em condições desumanas de vivência. Mas também, outros que não estão nestas condições podem se situar num ponto limite mais alto ou mais baixo devido a variação.

Os que não passam por estas condições degradantes certamente não experimentam a dor física com tanta intensidade para chegar ao *malheur*, mas isso não significa que esta não ocorra. O sofrimento interior de modo agudo também faz emergir problemáticas físicas que transpassam a carne, em profunda conexão com a dor da alma (WEIL, 2019).

#### 4.5 A SUPERAÇÃO DO *MALHEUR* COMO DESCRIAÇÃO

O infortúnio, como vimos, é o meio mais privilegiado de acesso à verdade, ainda que este seja extremamente degradante para o que passa. Verdade e sofrimento extremo andam juntos, de modo que este ajuda o homem a abandonar seguranças externas em favor daquela.

Chegamos assim a um ponto chave da reflexão, o conceito de descrição, ou seja, o processo de esvaziamento de si mesmo. Bebendo da noção cristã e platônico-estóica (MARTINS, 2013), Weil apresenta o apego às coisas criadas como um distanciamento da Verdade, equivalente ao Deus cristão.

O apego às coisas externas enquanto firmamento da existência faz com que o homem se insufle cada vez mais de sua soberba e egoísmo, incorrendo naquilo que Weil chama de existência autônoma (SILVA; LOPES, 2020). A existência autônoma nada mais é do que o fechamento em si mesmo, a não abertura ao outro ou compaixão, ela gera mais sofrimentos e problemáticas sociais densas.

Torna-se necessário, portanto, percorrer um itinerário de renúncia, de esvaziamento do egoísmo, como afirma Weil em:

Esvaziar-se da falsa divindade, negar-se a si mesmo, renunciar a ser, pela imaginação, o centro do mundo, discernir todos os pontos do mundo como centros de mesmo valor e o verdadeiro centro como algo que está fora do mundo, é consentir com o reino da necessidade mecânica na matéria e da livre escolha no centro de cada alma (WEIL, 2019, p. 122).

Neste trecho podemos perceber a herança platônica de sair daquilo que ela chama de centros deste mundo, em direção ao verdadeiro centro, que está fora da realidade criada. A falsa divindade está intimamente ligada à existência autônoma como exacerbação de si mesmo diante dos outros.



O indivíduo que passa pelo *malheur* se esvazia desta falsa divindade como certa rapidez e excelência, pois diante da dor torna-se muito mais difícil perceber-se no nível de divindade, como alguém que está acima das questões e dificuldades do tempo presente. A superação do *malheur* está no processo de descrição que equivale ao suprimento da existência autônoma (BUENO, VALLE, 2019).

A descrição não é uma renúncia da condição de criatura em si, mas um nivelamento desta condição em relação às demais realidades criadas. Em outras palavras, é sair da condição de divindade e autonomia, e perceber-se como ser incorporado a outros, que não encontra a verdade sozinho. Sobre a descrição Bueno e Valle afirmam:

Por conseguinte, o sentido de autonomia se revela na recusa de coexistência com outros seres. A coexistência implica definir o ser humano em função de suas relações com o próximo, além, portanto, do âmbito do eu, do *ne-devant-pas-être*. Aceitar a existência do outro independentemente do âmbito do eu equivale a imitar o sacrifício de Deus na criação, quando renunciou a ser tudo, para dar lugar a outros seres (BUENNO, VALLE, 2019, p. 119).

Fato é que alguns conseguem superar o *malheur* na condição operária, social ou psicológica. Mas, esta superação só será plena se além do término da dor ou da condição social, estes conseguirem se colocar no plano da coexistência, ou seja, da sua existência totalmente imersa no todo do universo criado.

Já outros, podem permanecer na condição de sofrimentos degradantes interiores e exteriores, e mesmo assim superarem o *malheur* ao final de suas vidas. Isto porque durante sua existência, conseguiram esvaziar-se de si mesmo e se entenderem no todo do mundo, a estes Weil chama constantemente de privilegiados e pela sua ligação cristã, assegura a estes um contato muito mais profundo com a verdade, que é o próprio Deus para a autora (SILVA; LOPES, 2020).

Passar pelo infortúnio, não é tanto um processo de mudança de classes ou condições trabalhistas, mas um caminho interior de clareza da coexistência entre os seres (MARTINS, 2013).

#### 4.6 O INFORTÚNIO E A VERDADE

Como vimos, Simone Weil aspira pela verdade e busca a todo custo ser fiel a esta. A verdade implica uma adesão não somente intelectual do sujeito, mas

também numa adesão existencial, que perpassasse todo o ser e sua relação com os demais, verdade e vida devem andar de mãos dadas para que o indivíduo possa atingir sua finalidade.

O *malheur* não é o único meio de se chegar à verdade, mas sim, um meio privilegiado devido a rapidez do processo de descrição. Fato é que outros filósofos, como ela mesmo afirma, também contemplaram as ideias verdadeiras através do exercício filosófico (WEIL, 2016), mas, o que há de comum entre todos eles é uma vivência radical de sua filosofia.

Queiroz (2007) ajuda-nos nesta compreensão, ao tratar da verdade em Weil, quando afirma:

O que marca definitivamente Simone Weil é uma inquieta busca da Verdade em todos os âmbitos da existência humana, assumido a palavra com radicalidade, ou seja, encarnado a palavra e vivendo-a concretamente, pois para ela filosofar é orientar toda a vida para a Verdade e praticar o pensamento mesmo diante da dura necessidade do sofrimento. A verdade jamais poderia ser encontrada somente na superficialidade da vida, se assim fosse seria um ídolo, pois é quando o ser humano entra nas profundezas de sua existência, mesmo no sofrimento, que a Verdade se lhe revela. O mais importante é sempre manter a alma toda atenta na busca da verdade e na espera do bem, renunciando à nossa situação central imaginária e renunciando não só pela inteligência, mas também na parte imaginativa da alma, é assim que se desperta ao real, ao eterno, para ver a verdadeira luz e entender o verdadeiro silêncio (QUEIROZ, 2007, p. 127).

Desta forma, uma busca pelo verdadeiro sem ação e fechada em si mesma, constitui uma ilusão, mas não traz consigo toda a força da existência humana e não altera em nada a vivência do sujeito. O sofrimento, como indicado na citação acima, é parte da existência e deve ser assumido também como meio de prática do exercício filosófico.

O despertar para a realidade, começa sobretudo numa vida autêntica, em consonância com as experiências vividas, todas estas constituem um elemento para o filosofar. Partindo das vivências, vai se purificando através do esvaziamento de si e se aproximando cada vez mais do ideal, que encontra o seu ponto alto na experiência com o Deus cristão, segundo Weil.

Chegando a este ponto, alguns podem pensar que a experiência do *malheur* é muito conformista e apática diante da dor e do sofrer. Entretanto, a passagem pelo infortúnio através da descrição também está impregnada de um caráter ético e

relacional, constituindo a compaixão como meio de superação social do egoísmo e da existência autônoma (SILVA; LOPES, 2020).

Um indivíduo que se esvaziou se aproxima do outro sofredor e marginalizado, percebendo nele uma interligação: a coexistência. Somente quem se esvaziou pode ser compassivo e ir em direção ao outro com amor, auxiliando-o assim na superação das mazelas, não somente as mazelas interiores, mas também as sociais. Sobre este aspecto, Weil afirma:

Onde quer que os infelizes sejam amados por si mesmos, Deus está presente. Deus não está presente mesmo quando invocado, ali onde os infelizes são simplesmente uma oportunidade de praticar o bem, mesmo se eles forem amados com essa desculpa. Eles são amados impessoalmente. E é preciso levar-lhes nesse estado inerte, anônimo, um amor pessoal (WEIL, 2019, p. 113).

Ou seja, o amor pessoal que deve ser levado aos infelizes é aquele mais profundo, não somente o de obrigação, como uma espécie de filantropia social, mas um amor que parte do íntimo da pessoa, do seu encontro da verdade absoluta que é Deus. Toda vez que este amor pessoal está presente, também se faz presença a verdade e mais fortemente os indivíduos conseguem se aproximar dela.

Assim, a experiência do *malheur* é degradante, mas ao mesmo tempo pode ser impregnada e superada por aquilo que Weil chama de graça (WEIL, 2019), ou seja, a força própria de Deus, a força própria do verdadeiro. No meio do sofrimento, o indivíduo pode se descobrir como coparticipante da criação e se dar conta que só se chega ao Bem com a ajuda do outro.

O movimento da misericórdia e compaixão, pode, em última instância, ir moldando uma vivência ética mais bela e consistente, menos desigual e mais participativa. É este o exercício do filósofo por excelência, almejar o belo e bom com sua vida, de tal forma que reconheça no outro a presença do verdadeiro e com ele ir traçando um caminho mais sólido em direção ao ponto alto: o Deus amor (WEIL, 2019).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Simone Weil inclina todo o seu intelecto na busca de alcançar a verdade, com isso se depara com o sofrimento. Contudo a concepção do sofrimento de sua filosofia encontra-se exatamente presente em sua vida, no seu fazer filosófico, no *modus vivendi* como conceito de sua filosofia. Mesmo que seja complexa, suas obras tem cunho fragmentário e assistemático, no que compreende a realidade como intimamente conectada às suas experiências de vida.

Logo a noção filosófica de Weil é marcada pela sua participação em atividades ético-sociais, e com elas presenciou o sofrimento dos operários e dos integrantes das guerras. Desta maneira o sofrimento e o *malheur* assumem lugar de destaque no pensamento da autora.

Seu envolvimento nestas questões sociais se dá antes de tudo devido a busca incansável pela verdade, que para ela vale a pena todo preço pago. Até porque, como já foi dito, toda experiência que venha ocorrer se torna um componente filosófico, deste modo é evidente que a inclinação da autora seja mais existencial ou mais ligada a uma noção empírica, do que para um exercício racional.

O sofrimento ocupa esse lugar de constituição e fonte de pensamento da filósofa, pois, é capaz de captar a essência do homem, alcançar a alma e se associar a sensação de morte que nos conduz da passagem da personalidade do anonimato para a possibilidade da compaixão.

Contudo, existe a necessidade de considerar a amplitude do vasto pensamento da filósofa que pode ser levar para inúmeras linhas de pesquisas, até mesmo a antropológica que implica em elementos ontológicos, e também questões teológicas, pelo fato da abertura a mística especificamente articulada em sua filosofia.

Para Simone Weil a compaixão sobrenatural é mais que uma obrigação religiosa, é uma obrigação ética entre os homens, mas impulsionada pelo mover do Absoluto.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Denis Andre Bez; VALLE, Bortolo. **Simone Weil: ser e sofrimento**: Curitiba: Appris, 2019.

ESTELRICH, Bartomeu. Filosofia como exercício espiritual: Simone Weil e pierre Hadot in: BINGEMER, Maria Clara Luchetti (Org.). **Simone Weil e o encontro entre as culturas**. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Paulinas, 2009. p.127-146.

MARTINS, Alexandre Andrade. **A pobreza e a graça**: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil: São Paulo: Paulus, 2013.

NICOLA, Giulia Paola Di; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Orgs). **Simone Weil: ação e contemplação**. São Paulo: EDUSC, 2005.

QUEIROZ, Antonio Marcio Marques de. **A paixão pela verdade**: a 'atenção' como contemplação e ação na filosofia de Simone Weil. 137 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Graduação em filosofia). Centro de Ensino superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

SILVA, Robson de Oliveira; LOPES, Thobias Costa. **A Compaixão pelos infortunados**: uma filosofia weiliana sobre a misericórdia como elemento ético e místico. Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 99-114 jan./jun. 2020. Disponível em: [www.revistacoletenea.com.br](http://www.revistacoletenea.com.br)

WEIL, Simone. **A condição operária e outro estudos sobre a opressão**. Trad. Therezinha Gomes Garcia Langlada e Ecléa Bosi (Org). 2. Ed. São Paulo: Editora Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Carta a um religioso**. Tradução Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. **Espera de Deus**. Tradução karin Andrea de Guise. Petrópolis: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. **O enraizamento**. Trad. Maria Leonor Loureiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Opressão e liberdade**. Trad. Lika Stern Cohen. São Paulo: EDUSC, 2001.